



O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

ANO 2013

ABRIL

Nº 47

BREVE APROXIMAÇÃO AOS PRIMÓDIOS DA HISTÓRIA DE ROMA

Luiz Ernani Caminha Giorgis

INTRODUÇÃO e GENERALIDADES

Na antiguidade, as regiões da atual Itália eram designadas pelos grupos linguísticos. Assim tínhamos, do norte para o sul: Gaulês, Úmbrico, Etrusco, Sabino, Falisco, Sabélico, Latino, Peligno, Marso, Volsco, Óscio e Grego. A cada grupo linguístico destes correspondia, por lógico, um grupo humano, ou etnia. O grupo latino habitava o Lácio, região que deu origem ao latim e às línguas latinas, entre as quais o português, o espanhol, o romeno, o italiano e o francês.

A região meridional da atual Itália era chamada de Magna Grécia, posto que foi colonizada pelos gregos. Os fundadores da Magna Grécia eram chamados de “italiotas”, do grego *italiotes* e depois do latim *ítalus*, de onde “Itália”. A Itália se divide em três partes: Setentrional, Central e Meridional.

Conforme os primeiros poetas, a produção do meio rural italiano era tão profícua que “o gado dá cria duas vezes por ano e as árvores produzem frutos duas vezes”, o que explica o sucesso, pelo menos econômico, das civilizações que ali surgiram ou se estabeleceram.

Já Napoleão dizia que “Nenhuma outra parte da Europa está tão vantajosamente situada como a Itália para chegar a ser uma grande potência marítima”.

Conforme Mário Curtis Giordani (História de Roma. Petrópolis: Vozes, 1968) os primeiros invasores indo-europeus (nórdicos) aparecem na Itália por volta de 1.500 a.C., o que nos leva a concluir que as chamadas “Invasões bárbaras” que derrotaram o Império Romano a partir de 476 d.C. e que deram início à Idade Média não eram novidade na península itálica. Uma segunda vaga de invasores nórdicos ocorreu por volta do ano 800 a.C. e trouxe a técnica do ferro para a Itália. Esta civilização veio para ficar e foi chamada de ‘vilanoviana’, precedendo no tempo e no espaço os helenos e os etruscos. Estes, constituíram o “grupo populacional mais importante da Itália pré-romana” (Giordani, 1968, p. 16). Teriam vindo da região da Lídia, no Oriente, conforme Heródoto, por volta do fim do século VIII a.C. (800-700) fundando uma colonização chamada de Etrúria.

A Etrúria situava-se entre o Tirreno, os Apeninos, o Tibre e o Arno, onde hoje é a Toscana. Os etruscos se caracterizaram por aliar à prosperidade econômica a força militar e assim conquistaram quase toda a península. Foram grandes civilizadores e impulsionaram a arte, a indústria, a agricultura e o comércio. Praticavam uma religião politeísta. No século V a.C. o império etrusco entrou em decadência, face às derrotas para os romanos, gregos e celtas.

Mas a grande herdeira da civilização etrusca foi a própria Roma. O historiador francês Marc Heurgon dizia que Roma é “filha da Etrúria”, com o que os romanos nunca irão concordar. Foram os etruscos que transformaram aos pastores seminômades que habitavam a região da futura Roma em “camponeses sedentários, prontos para iniciarem a gloriosa trajetória de criadores de um Império” (Giordani, 1968, p. 25). Os etruscos ensinaram os romanos a ler e escrever. Os primeiros atores do incipiente teatro eram etruscos (de *histrio*, ator, palavra etrusca).

A FUNDAÇÃO DE ROMA

O berço da civilização romana foi o Lácio, que foi conquistada pelos etruscos em seu avanço para o sul. A seguir, os etruscos “efetuaram a unificação das aldeias existentes nas colinas do Tibre, fundando a cidade de Roma, a *Urbs*” (Giordani, 1968, p. 29), o que repugna os romanos. Estes, acreditam na tradição lendária de Rômulo, Remo e a loba que os amamentou como os fundadores. Isso é só lendário e, portanto, falso. O Estado romano nasceu com o domínio etrusco e com este adquiriu também uma incontestável superioridade militar em relação a outras civilizações. Três dos primeiros reis romanos, Tarquínio, o Antigo; Sêrvio Túlio; e Tarquínio, o Soberbo, pertenciam a uma dinastia etrusca.

O nome da nova cidade recebeu o nome de Roma, provavelmente derivado de “Rumon”, que era a designação que os latinos davam ao rio Tibre. Em seguida, a nova cidade atrai uma multidão de artesãos e negociantes das redondezas e de regiões mais distantes. Nascia assim a plebe romana.

O período etrusco é chamado de Realeza na historiografia romana, o qual finda em 509 a.C., quando os chefes etruscos retiram-se de Roma, vencidos por uma aliança entre latinos e gregos, o que proporcionou aos romanos a oportunidade para a fundação da República Romana. A história de Roma divide-se em Realeza, República e Império.

A História da civilização romana, portanto, começa em 753 a.C., segundo os estudos do historiador e polígrafo¹ romano Marcus Terentius Varro Reatinus (Varrão, 116-27 a. C.).

De 753 até 510 a.C., quando caiu o último rei, Tarquínio Soberbo, foi a Realeza (243 anos). De 510 até 29 a.C. (539 anos) foi o período da República e daí até 395 d.C. (424 anos) o Império foi único. Em 395, Teodósio dividiu o Império Romano em dois, o do Ocidente e o do Oriente, entre seus filhos Flavius Honorius (Ocidente) e Flavius Arcadius (Oriente), cuja capital foi estabelecida em Bizâncio (do grego Byzántion) a qual, em 330, havia passado a ser chamada de Constantinopla (de Constantino, imperador romano), inaugurada solenemente em 11 de maio daquele ano.

Os dirigentes da Realeza foram sete, iniciando com Rômulo e terminando com Tarquínio Soberbo. Os dirigentes da República foram os Cônsules. Os imperadores eram oriundos de dinastias, como a Flaviana, a dos Antoninos, a dos Severos, etc. *Imperator*, *Caesar* e *Augustus* eram os nomes com os quais se designava o Chefe de Estado (o *princeps*). Em situações de emergência ou de grande perigo interno ou externo era escolhido um ditador com plenos poderes para debelar a crise.

O primeiro imperador foi Caio Otávio Augusto (filho adotivo de César), de 31 a 14 a.C.

Nos séculos IV e III a.C. Roma venceu seus inimigos em toda a Itália, entre os quais latinos e samnitas. Posteriormente, houve as três guerras púnicas², dos romanos contra os cartagineses, cujo principal adversário foi Aníbal, vitorioso em Canas (02Ago216 a.C.) contra Varrão (o polígrafo), quando os romanos perderam 45.000 homens e mais 20 mil prisioneiros. Aníbal foi derrotado em Zama por Scipius (Cipião) em 202 a.C., ainda na 2ª guerra púnica. A 3ª foi pouco expressiva e Cartago já estava derrotada, tendo sido arrasada pelos romanos.

As guerras púnicas tiveram por objetivo geral o controle do Mar Mediterrâneo (Savian et Lacerda, 2009, p. 37/41).

Em seguida, os romanos conquistaram o Oriente lutando contra os macedônios de Filipe V, vencendo-os em 205 a.C., em 197 a.C. (Batalha de Cinoscéfalos) e na 2ª Batalha de Pidna (148 a.C.). Venceram também os sírios do rei selêucida Antíoco III nas Termópilas, em Coricos, em Mionesos e em Magnésia de Cipilo (189 a.C.). Em 146 a.C. derrotaram a Grécia, anexando-a à Província da Macedônia. Na Península Ibérica, após a morte do guerrilheiro Viriato (139 a.C.) e a tomada de Numância (133 a.C.) por Cipião Emiliano, os romanos consolidaram seus domínios até o Tejo.

As consequências das conquistas romanas foram de ordem cultural, econômicas, sociais e políticas (Giordani, 1968, p. 50/51). No caso da Grécia, conforme Giordani (opus cit., p. 168), Roma

¹ Polígrafo: aquele que escreve sobre vários assuntos.

² Os fenícios cartagineses eram chamados de ‘púnicos’ pelos romanos em virtude do idioma púnico, uma variedade do fenício. Agostinho de Hipona (Santo Agostinho) menciona esse idioma em seus escritos: *Quae lingua si improbatum abs te, nega Punicis libris...* “E, se a língua púnica é rejeitada por vocês...”.

“...depois de haver vencido a Grécia pelas armas, curvou-se vencida ante o brilho da cultura helênica”.

O Império Romano do Ocidente foi de 29 a.C. até 476 (505 anos), quando os Hérulos, sob Odoacro, tomaram Roma. Roma ocidental durou de 753 a.C. até 476, portanto 1.229 anos. O Império Romano do Oriente foi de 395 até 29 de maio de 1453 (1.058 anos), quando Constantinopla foi tomada, após sítio de dois meses, pelo exército de 80 mil homens do sultão otomano Mohamed II.

Conforme a Enciclopédia Barsa, edição de 1976, volume 12, página 187

“...envelheceu o Império Romano, vítima de não só de suas condições políticas e econômicas mas também [...] de uma mudança de atitude no espírito dos homens, que não sabiam mais por que nem para que lutar. As novas disposições militares, ao incluir mercenários nas fileiras do exército levou a defesa do Império à completa falência, permitindo assim [...] o progressivo avanço dos bárbaros, que terminaram por invadir Roma”.

ASPECTOS SOCIAIS

Desde o início, Roma se caracterizou por diversas demandas sociais, quais sejam: os direitos dos plebeus sobre dívidas e reforma agrária; a atuação dos ‘tribunos da plebe’, líderes populares, em defesa desse segmento social; a codificação das leis romanas; a igualdade jurídica entre as duas únicas classes, nobreza e plebe; acesso da plebe às magistraturas, ao senado e equiparação dos plebiscitos à lei; fusão da plebe com a aristocracia, com os mesmos direitos e deveres; a greve geral; as greves militares. Atenção especial era dedicada às mulheres e às crianças. Toda criança até os sete anos era designada como *Infans* (o que não fala). Dos sete aos 17 anos era *Puer*, e *Adulescens* dos 17 aos 30 anos. Os romanos lavavam os braços e as pernas todos os dias e tomavam banho completo a cada nove dias. Cortar os cabelos e fazer a barba começou no séc. II a.C.

Nas escolas, o professor sentava na *cathedra*, colocada sobre um estrado. Os alunos eram levados à escola por um escravo chamado *paedagogus*, que muito contribuía na formação do jovem.

O cristianismo foi introduzido no Ocidente por Roma onde, desde o século IV, já havia se tornado a religião dominante. Em 313, o próprio imperador Constantino converteu-se ao cristianismo e permitiu o culto dessa religião em todo o Império. Em 391, o cristianismo se tornou a religião oficial de Roma.

ASPECTOS MILITARES ROMANOS

Da Realeza até o Império, as instituições militares romanas passaram por diversas modificações. No período imperial, o exército é permanente, formado por voluntários e por recrutamentos nas províncias. A homogeneidade é garantida pelos quadros, sobretudo pelos centuriões, que são transferidos de legião em legião (Giordani, 1968, p. 116). A obrigação de prestar o serviço militar era chamada de *Militia*.

Os romanos apreciavam a “inflexibilidade de caráter, a energia retilínea da ação, a valentia do homem d’armas no saber curvar os homens ao serviço de uma ideia” (ibidem, p. 239)

As guerras foram uma das grandes fontes de receita para Roma (ibidem, p. 120).

A grande unidade tática foi a Legião. A infantaria tinha as quatro classes: Hastários (armas meio-pesadas), Príncipes (armas e equipamentos pesados), Triários (veteranos) e Vélitas (infantes ligeiros, com armas leves). Posteriormente, o comandante Camilo dividiu a legião em manípulos. A cavalaria era dividida em 10 turmas de 30 cavalarianos e formada pelas coortes mistas, cavalaria legionária, cavalaria das alas e corpos de cavaleiros indígenas (não permanentes).

Cada legião possuía 10 coortes (6.000 homens por legião). Quatro legiões formavam um Exército Consular (comandado por um Cônsul).

Os romanos já tinham os serviços de engenharia, transportes, intendência, saúde e o de fundos, que era controlado pelo *questor*.

A disciplina era muito severa. O soldado romano tinha plena confiança nos seus chefes. Ao ingressar no serviço militar prestava um juramento de obediência ao general. Inicialmente, não havia remuneração para os militares. Cada um era responsável por seu próprio suprimento e manutenção.

Por ocasião da guerra gaulesa na Itália (58/52 a.C.) é que foi instituído o soldo (daí *soldado*), em face da duração das operações.

Conforme o Coronel Francisco Ruas Santos (1998, p. 45) Roma deveu sua grandeza às qualidades excepcionais de seus soldados. Conforme Bento (1978, p. 27), as forças armadas romanas começaram a decair quando passaram de nacionais e permanentes a incorporarem estrangeiros, contrataram mercenários e tornaram-se indisciplinadas. Com o tempo, o comando supremo das forças armadas ficou ao alcance dos bárbaros (grifo do autor). Sob Constantino (303-337) bárbaros e camponeses passaram a constituir os efetivos do Exército. Entre 235 e 268, povos germânicos transpuseram o Danúbio e o Reno, chegando mesmo, os godos, a receberem tributos dos romanos.

Germânia era o nome que os romanos utilizavam para a área de “bárbaros” que se estendia da margem ocidental do rio Reno para o norte, compreendendo regiões das atuais Rússia e Ucrânia. A Germânia já existia mesmo antes da formação de Roma.



Pelo menos dois generais romanos revoltaram-se e passaram a lutar contra Roma: Quinto Sertório (83 a.C.), na Península Ibérica, e o germânico Armínio (7 d.C.), na floresta de Teutoburgo, comandando bárbaros.

A marinha de guerra romana só foi formada quando Roma teve que enfrentar Cartago, mas só em 260 foi montada uma poderosa frota de guerra. A vocação militar romana era muito mais terrestre do que marítima ou fluvial. Após as guerras púnicas a marinha entra em decadência. Após a conquista do Mediterrâneo, Roma não necessitou de

grandes frotas militares. Nesta época existiam oito esquadras, sediadas em bases na Península, Gália, Britânia, Líbia, Alexandria, Síria e Ponto.

DECADÊNCIA

Muitas foram as causas da decadência da civilização romana. Alguns aspectos se sobressaíram como, por exemplo, a forte predominância da importação sobre a exportação, fator recorrente em toda a existência de Roma. Na importação, destacavam-se os artigos de luxo. O imperador Tibério, que governou de 14 a 37 d.C., já se mostrava preocupado com a soma fabulosa que era gasta para pagar o luxo e a elegância da alta sociedade (Giordani, 1968, p. 145).

O historiador Tácito destaca em sua obra ‘Germânia’ a oposição entre o luxo imoderado das sociedades romanas e a austeridade dos costumes vigentes entre os bárbaros (Ibidem, p. 248).

Outra causa foi o decréscimo assustador da natalidade entre as famílias tradicionais, causando o desaparecimento destas, fato agravado pela inserção de populações de origem bárbara.

Porém, Roma deixou um legado inestimável para o mundo ocidental, principalmente a civilização romano-greco-cristã e o direito romano, entre outras.

BIBLIOGRAFIA

- BENTO, Cláudio Moreira. História da Doutrina Militar. Resende: AMAN, 1978.
 Enciclopédia Barsa. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica Editores, 1976, Volume 12.
 GIORDANI, Mário Curtis. Antiguidade Clássica II – História de Roma. Petrópolis: Vozes, 1968.
 SANTOS, Francisco Ruas. A Arte da Guerra. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.
 SAVIAN, Elonir José, Capitão QCO et LACERDA, Paulo Henrique Barbosa, Capitão QCO. Manual Escolar de História Militar Geral. Resende: AMAN, 2009.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel

Presidente da AHIMTB/RS

Vice do IHTRGS

lecaminha@gmail.com